

COMPREENSÃO DO UNO E DO MÚLTIPLO EM BEDE GRIFFITHS:

Uma busca da integração entre Razão e Intuição

UNDERSTANDING THE ONE AND THE MULTIPLE IN BEDE GRIFFITHS:

Seeking the integration between Reason and Intuition

Joachim Andrade SVD^()*

*Pe. Domingos Alves^(**)*

Além de ser cristão, eu preciso ser um hindu, um budista, jainista, zoroastrista, Sikh, muçulmano e judeu. Só assim poderei conhecer a Verdade e encontrar o ponto de reconciliação de todas as religiões – Bede Griffiths.

Resumo

Este artigo apresenta a trajetória de um monge beneditino, Bede Griffiths, britânico que migrou para a Índia, onde desenvolveu uma espiritualidade dialógica entre as culturas, religiões e no interior da própria natureza. Inicialmente elabora sucintamente sua biografia e as razões e os mecanismos acabaram impactando sua chegada no subcontinente indiano onde dinamizou sua percepção sobre as religiões e de que forma elas se constroem uma plataforma comum para tratar da Realidade Última. O artigo faz uma homenagem a esse ser espiritual abordando sua mística que o levou a construir uma visão distinta, sobre voltar a “Fonte” ou ele mesmo diz “retorno ao centro” que é desejo de todas as tradições religiosas assim como de cada ser humano.

Palavras Chave: Mística, Centro, Dialogo, Religiões.

Abstract

This article presents the trajectory of a Benedictine monk, Bede Griffiths, who migrated to India, where he developed a dialogical spirituality between cultures, religions and within nature itself. Initially, elaborates succinctly his biography and the reasons and mechanisms involved in impacting his arrival in the Indian subcontinent, where he boosted his perception of religions and how they build a common platform to deal with the Ultimate Reality. The article pays tribute to this spiritual being by addressing his

(*) Indiano, missionário do Verbo Divino, radicado no Brasil desde 1992. Depois de uma experiência de inserção na cultura brasileira iniciou sua trajetória acadêmica na cidade de Curitiba. Possui mestrado em Antropologia Social (UFPR – 2003) e doutorado em Ciências da Religião (PUC-SP – 2007). Pós-doutorado em Teologia com o foco em Missiologia (PUC-PR-2021). Atualmente professor de Teologia PUC-PR. Autor de diversos livros e artigos científicos. Membro de International Association for Mission Studies (IAMS)

Email: joachimandrade@terra.com.br

(**) Domingos Alves da Costa de Timor-Leste. É sacerdote católico, ordenado em Braga, Portugal no dia 16 de Julho de 1978. Bacharel em Teologia pelo Instituto de Teologia de Braga, filiado na Universidade Católica de Lisboa em 1978. Fez curso de Licença ou mestrado em Filosofia na Universidade Pontifícia Salesiana em Roma, Itália no ano de 1991. Fez curso de aggiornamento de um ano acadêmico em Filosofia na Universidade Pontifícia Gregoriana em Roma. Foi Reitor do Seminário Maior de S. Pedro e S. Paulo, Dili, Timor-Leste durante sete anos e Reitor do Instituto Superior de Filosofia e de Teologia da CET (Conferência Episcopal Timorense), durante um período de oito anos e atualmente é Diretor da academia de Música D. Alberto Ricardo da Silva. E-mail: amalves21071952@gmail.com

mystique that led him to build a different vision, about returning to the "Source" or he himself says "return to the center" which is the desire of all religious traditions as well as of every human being.

Keyword: Mysticism, Center, Dialogue, Religions

INTRODUÇÃO

A unidade na diversidade e a preservação da diversidade na unidade é uma questão que intriga desde os sábios dos tempos antigos até os cientistas da religião da atualidade. Nas últimas décadas, o fenômeno da mundialização, que cresceu exponencialmente, e o desenvolvimento dos meios de comunicação, com as novas tecnologias, estão convertendo o mundo numa grande sociedade unitária, uma aldeia global. Vemos as culturas e as religiões de cada sociedade, antes isoladas e ignorantes umas em relação às outras, tornarem-se vizinhas e obrigadas a conviver entre si. No contexto contemporâneo, todas as religiões estão em contato mútuo e presentes umas nas outras (VIGIL, 2006, p.26). Existe o fluxo migratório das populações por diversos motivos, nesse processo as pessoas carregam com elas seus símbolos religiosos e experiências religiosas ao novo ambiente de convivência, encontros com as pessoas de novas culturas, religiões, assim como criação de novos conceitos religiosos. Parece que não haverá mais retorno, não haverá mais espaço para um povo, uma religião ou uma cultura viver isoladamente, é hora de aprender acolher o “outro” em suas formas particulares nesse mundo totalmente conectado em formas diversas.

Esse foi um caminho trilhado pelo Bede Griffiths, saindo da Inglaterra para a Índia, que modificou sua percepção de vida e da religião. A inquietação constante sobre aquilo que faltava no mundo ocidental, no cristianismo e na Igreja no Ocidente, o fez desejar ter um novo jeito de viver. Ele mesmo afirma:

Vivíamos de uma metade de nossa alma, do nível consciente e racional e precisávamos descobrir a outra metade, a dimensão inconsciente e intuitiva. Eu queria experimentar em minha vida o casamento dessas duas dimensões da existência humana, a razão e a intuição, o consciente e o inconsciente, o masculino e o feminino. Eu queria acertar o caminho para o casamento do Oriente e do Ocidente (GRIFFITHS, 1982, p.8).

Permanecendo por 38 anos na Índia, conhecendo a cultura, religião e o modo de viver indiano, Bede elabora sua visão holística sobre a religião, que é o conteúdo principal desse artigo. Portanto, pretendemos, num primeiro momento, apresentar sucintamente a biografia de Bede Griffiths e as razões que o levaram à Índia. Num segundo momento, abordaremos sua percepção sobre as religiões e como elas se encontram em uma plataforma comum quando se trata da Realidade Última. Finalmente, mostraremos a forma com que ele constrói sua visão sobre a volta à

“Fonte” ou, como ele mesmo diz, “retorno ao centro”, que é o desejo de todas as tradições religiosas e também de cada ser humano.

1 TRILHANDO O CAMINHO BIOGRÁFICO DE BEDE GRIFFITHS

Nascido no dia 17 de dezembro de 1906 com o nome de Alan Richard Griffiths, ele era o caçula entre os três irmãos de uma classe média da religião anglicana. Para compreender e colocar dentro da nossa proposta, queremos desenvolver sua trajetória biográfica a partir de quatro sendas percorridas por ele mesmo: Os caminhos da poesia; Os caminhos da religião; Os caminhos da Índia; Os caminhos da mística” (THOMAZ, 2019, p. 73).

Os caminhos da poesia é a fase que compreende desde sua infância até os anos posteriores a seus estudos em Oxford, de 1906 a 1930. Inicialmente estudou no colégio Christ’s Hospital, aplicando-se aos estudos, aprendendo francês e grego e voltando-se para a literatura e poesia inglesa dos grandes poetas, como William Wordsworth, John Keats e Percy B. Shelley. No ano de 1924 teve uma experiência profunda de Deus e da natureza enquanto fazia sua caminhada, fato que mudou sua vida, levando-o posteriormente a entrar na Universidade de Oxford para estudar literatura, sob a orientação do seu tutor C.S Lewis, que mais tarde se tornaria seu grande amigo.

Os caminhos da religião apresentam o processo de sua conversão para a Igreja Católica, seu envolvimento e serviço à comunidade na periferia de Londres. Nesse período passou pelos momentos escuros, teve experiências de altos e baixos na vida emocional e espiritual.

Num dia em que se encontrava particularmente angustiado, decide rezar numa pequena capela no último andar da casa onde morava. Naquilo que descreve como um episódio “*getsemanesco*”, pelos sentimentos de desespero, confusão e desalento que entregou em oração, Alan tem uma realização espiritual: percebe-se que tinha até então vivido uma religiosidade comandada pela sua vontade pessoal e pela razão. Por um lado, sente um instinto que lhe dita que passe a noite em oração, por outro, não deixa de pensar que o seu comportamento e as suas emoções são absurdos. (ANDRADE, 2022, p. 14).

Assim decidido, em 1932 ele entra em Prinknash Priory, o mosteiro beneditino, para obter a formação seminarística na vida monástica, iniciando o postulado, o noviciado onde recebe o nome religioso “Bede”, permanecendo assim até a chegada de sua ordenação sacerdotal em 1940. Podemos dizer que seu caminho da religião se inicia

em 1931 e vai até 1954, ano em que publica sua primeira autobiografia intitulada *The Golden String*.

Os caminhos da Índia iniciaram-se quando em 1955 Bede Griffiths foi transferido para Índia, com a possibilidade de fundar aí um mosteiro beneditino. Ao chegar em Bombaim (atual Mumbai), gradativamente se desloca para Kengeri, ao redor da cidade de Bangalore, instalando-se num mosteiro modesto, chamando-o como Nirmala ashram¹ (o nome em sânscrito referente a Nossa Senhora de pureza), ao estilo ocidental, na arquitetura e no rito. Todavia, Bede percebe que a construção modesta era luxo em termos indianos, portanto,

Decide, então, imergir profundamente na cultura local, visita templos, estabelece relações com os habitantes locais, estuda o cânone literário e aprende sânscrito na companhia de Raimon Panikkar, que o acompanha nos passeios de reconhecimento cultural (ANDRADE, 2022, p. 18).

Em 1958 funda o Kurishimala Ashram com o padre Francis Mahieu e padre Alapatt, em Kerala. Sendo estrangeiro, Bede tinha uma visão clara da necessidade de adaptar o formato católico romano à realidade indiana, o que aconteceu pela adoção do rito sírio, o mais comum em Kerala, assim como pelo uso do kavi, o hábito cor de açafraão usado pelos monges hinduístas, chamados de sannyāsi². Aprendeu os costumes de sentar, dormir e fazer as refeições no chão, comer com a mão direita e outras práticas cotidianas da cultura indiana. O nome Kurisumala ashram, significa moradia no morro da cruz, aludindo aos arredores montanhosos e afastados de qualquer sinal de civilização.

Os caminhos da mística iniciam-se quando Bede se transfere para outro mosteiro chamado de Shantivanam, que é traduzido para o português como “floresta da paz”, fundado pelos padres Jules Monchanin e Henri Le Saux, ambos franceses, à beira do rio Kaveri, no estado de Tamil Nadu. Esse mosteiro, parecia estar abandonado, porém Bede Griffiths começa a organizar o espaço com a dedicação e o cuidado com as plantações de verduras, árvores frutíferas e as vacas de leite, partilhando a colheita com os vizinhos

¹. Nirmala quer dizer puro ou limpo, remetendo a um lugar sagrado. Ashram simbolicamente o nome em sânscrito dado ao monastério. Nesse lugar, as pessoas iniciam compreender o processo do desapego ou apreende deixar tudo aquilo que elas mesmas construíram e desenvolveram. Na tradição cristã o mosteiro é um lugar alguém inicia sua jornada celibatária dedicando-se a contemplação ou serviço a missão, sem ter a regra de idade. Enquanto, na tradição hindu, existe a exigência de que o sujeito tenha aproveitado a vivência social e vida familiar e depois toma a decisão de abandonar e dedicar exclusivamente a contemplação.

². Palavra que em sânscrito remete ao significado de uma pessoa que renuncia ao mundo a fim de buscar Deus, e que corresponde à vocação para ser um monge cristão.

de casta inferior da região. Essa mudança para Shantivanam, trouxe nova forma de olhar a vida contemplativa, que não é puramente material; mas também deu a projeção mais ampla com o fluxo elevado de visitantes estrangeiros pelo interesse às celebrações ritualísticas do caráter da cultura indiana. A curiosidade deste mosteiro era a criação de símbolos híbridos, por exemplo, a cruz com a sobreposição do mantra OM³, a figura de Jesus sentado na posição meditativa de lótus e a liturgia inculturada com adoção de práticas ritualistas, como o arati⁴, na celebração eucarística.

Apesar de estar na Índia, Griffiths manteve o modelo beneditino na questão da oração, do estudo e do trabalho, assim como o respeito pelos períodos de silêncio. Quanto à programação do mosteiro,

[...] a comunidade encontrava-se três vezes ao dia para a celebração da Eucaristia, orações informais e para a leitura de textos de diversas tradições religiosas: a Bíblia e os Vedas de manhã, o Alcorão ou o Granth Sahib ao meio do dia, e à tarde poesia devocional, com especial atenção para os poetas do Estado de Tamil Nadu (ANDRADE, 2022, p.21).

O caminho da mística também deve ser compreendido no processo estrutural do hinduísmo elaborado no conceito chamado “Varnashramadharma”⁵

³. O mantra "Om" é o som primordial do universo que representa tríade hinduísta – Brahma, Vishnu e Shiva, representando a criação, preservação e destruição. É um som sagrado do hinduísmo que simboliza a união do corpo, mente e espírito. Também representa a porta de entrada para mergulho no Divino.

⁴. Arati é um ritual realizado durante a celebração eucarística, elaborado em três momentos: na entrada da celebração, durante o ofertório e também durante a doxologia. No modo geral, uma menina carrega em ambas as mãos um prato de flores, onde se coloca alguns palitos de incenso e também uma lamparina acesa, realiza três voltas na frente do celebrante iniciando a volta do lado esquerdo simbolizando Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas da Santíssima Trindade.

⁵. Esse conceito se subdivide em três: varna, ashrama e dharma, cada um com suas explicações próprias. Varna significa "cor". Os arianos, os primeiros invasores da Índia, eram de pele clara, discriminaram os nativos indianos de pele escura, no início do processo de aculturação. Esta atitude, possivelmente, deu a origem ao sistema das castas.

Enquanto, ashrama, o segundo aspecto, que consiste em quatro fases que cada ser humano deve vivenciar ao longo de sua vida. A primeira fase, brahmacharya – a vida celibatária, que vai até os 25 anos, é dedicada aos estudos; a segunda, grihastha, dos 25 aos 50 anos, é uma vida para construir a família; a terceira, vanaprastha, dos 50 aos 75 anos, é o afastamento para a vida eremítica; a última fase, a sanyasa, dos 75 aos 100 anos, é uma passagem para a vida ascética, significando um desapego completo em relação ao mundo e à família. Todas essas fases devem ser vividas com a prática do dharma – os aspectos éticos e morais (ANDRADE, 2020, p 95).

A incorporação da quarta fase, que é a sanyasa adotada por Griffiths, deu a visibilidade ao misticismo indiano adaptado ao modo cristão. O estilo sanyasa no interior da estrutura cristã:

Tem como princípios práticos a contemplação e a inculturação, o que indica a natureza bipolar do movimento: por um lado opera num campo que transcende os aspetos materialistas e linguísticos, e que se aproxima da mística; por outro, ocorre num processo de assimilação cultural que tem como objetivo absorver os costumes e a linguagem do local onde se encontra. (ANDRADE, 2022, p.25).

A partir do mosteiro Shantivanam, Griffiths inicia sua trajetória do diálogo com a cultura indiana, principalmente com o hinduísmo, de onde elabora uma nova percepção do mundo, do cristianismo e da Igreja. As décadas de 70 e 80 são dedicadas aos escritos sobre os estudos comparados das religiões, cujo foco será não mais no diálogo religioso intelectual, mas nas relações vivenciais com as pessoas de outras religiões. Nessas décadas também faz inúmeras viagens apresentando as diversas formas de diálogos entre as religiões, povos e culturas. Parece que nesse período Bede Griffiths transcende a adoção de uma única tradição para abraçar uma visão ampla, holística e universal, que é o ponto do retorno, o ponto místico ou o ponto de comunhão.

2 REALIDADE ÚLTIMA: INQUIETAÇÃO DE BEDE GRIFFITHS

Estando na Índia, saboreando e adaptando-se à cultura indiana, Bede passa por uma intensa inquietação sobre a compreensão da Realidade Última – a saber Deus. Em primeiro lugar, acompanha o raciocínio de Mircea Eliade, segundo a qual em todas as culturas antigas a vida se estabelece em torno de um Centro que:

Pode ser um edifício, templo, cidade ou simplesmente uma casa. Pode ser um local – montanha, bosque, cemitério. Ou ainda pode ser uma pessoa – sacerdote, rei ou vidente. Mas sempre havia um ponto de contato com a vida Fonte de toda a vida: um ponto onde céu e terra convergem, onde a vida humana se abre à Transcendência infinita. Este era o essencial – manter contato com o Transcendente, para que a vida humana não ficasse encerrada dentro de si” GRIFFITHS, 1992, p.22)

Originalmente o local da divindade era atribuído não aos templos, igrejas ou mesquitas, mas às montanhas, aos rios, às pedras, assim como às florestas. Entre os primitivos a busca do sagrado acontecia em locais geográficos distintos, uma vez que esses lugares eram descobertos em determinadas regiões da natureza.

Porém, essa Realidade Última passou por certos desdobramentos ao longo dos milênios. Algumas culturas preservaram os aspectos monoteísticos rigorosos, enquanto

outras incorporaram dimensões politeístas, abrindo possibilidades para novas análises. Como observa Amaladoss:

Alguns diriam que a realidade Suprema é a mesma, embora seja chamada de nomes diferentes. Os hindus chamam Deus de Ísvar; os muçulmanos invocam Alá. Os cristãos falam de Javé. Todavia, esses nomes referem-se a uma única e mesma realidade, a saber Deus (AMALADOSS, 1995, p.183).

Trilhando o caminho da busca da unidade e diversidade na Realidade Última, Bede Griffiths começa a ver o problema fundamental do pensamento contemporâneo que seria descobrir a mística envolvida na construção do significado do Todo, onde o Divino é visto pelos ângulos diversos, porém, preservando toda sua essência. As grandes tradições religiosas introduziram alguns conceitos para explicar o significado do Todo, como por exemplo, na

[...] construção da Tríade hindu – o Uno se apresenta em três – *Brahma, Visnu e Shiva*; o *shunyata* – o vazio do budismo – onde a diversidade preservada no vazio e ao mesmo tempo é uno; enquanto a Santíssima Trindade da tradição cristã – o Uno ao mesmo tempo é trino (GRIFFITHS, 1982, p.17).

Por outro lado, os místicos, antropólogos e cientistas da religião também buscaram os meios de resolver as inquietações e divergências sobre a Realidade Última. Eles apontam a existências de duas janelas, enquanto os místicos apresentam a janela dos sentidos e os antropólogos e cientistas as religião abordam a janela da experiência fenomênica cotidiana. A janela dos sentidos, faz a abertura e constrói a partir deles o universo interior.

O sagrado entra pelos sentidos: está na visão para ver as realidades; está na audição para ouvir o clamor da realidade; está no tato para sentir; no olfato para cheirar e no paladar para saborear. Mas não permanece só ali, como considera Maçaneiro, (2011, p.16). “Atravessando a janela dos sentidos, as vivências originárias caem no fundo no abismo que somos nós e deixam lá dentro um toque, uma impressão. Como dizemos em fenomenologia, essas vivências imprimem em nós uma *inscrição interior*” (ANDRADE, 2020, p.23).

Estando ciente dessas inquietações, Bede intensifica seus estudos, interpretando a sagrada escritura *Bhagavad Gita* com o olhar cristão comparativo, por meio do qual entra na essência da Realidade Última, fato que o leva elaborar as diversas formas de diálogos.

3 BEDE NO CAMINHO DE DIVERSAS FORMAS DO DIÁLOGO

Claramente, o diálogo de qualquer forma para Griffiths não é um processo dentro do qual o eu está totalmente perdido no outro. O diálogo para ele apresenta diversos rumos. Em primeiro lugar, esse "outro" tanto pode ser outro aspecto de si mesmo, como também outra pessoa, uma cultura, outra religião ou ainda o próprio mistério divino. O diálogo, portanto, constitui um compromisso pleno na reciprocidade como meio de se render a uma verdade que é maior e incorpora o eu e o outro. Tal percepção do diálogo de múltiplas formas parece que foi desenvolvida a partir do primeiro impacto com a cultura indiana.

Não foi a pobreza e a miséria que me impressionaram tanto quanto a beleza e a vitalidade do povo. Por todos os lados havia uma massa fervilhante de humanidade, crianças correndo nuas, mulheres em saris, homens com turbantes, em todos os lugares exibindo a beleza da forma humana. Seja sentado, em pé ou acordado, havia graça em seus movimentos e eu sentia que estava na presença de um poder oculto da natureza (GRIFFITHS, 1982, p. 8).

Para Bede, todo o movimento acontecia no interior de um Todo – assim o intercâmbio entre o eu e o outro é o diálogo que pressupõe e revela a relação de uma intimidade que se reflete ainda mais na relação entre as partes e o Todo.

As implicações de tal visão do diálogo incluem a percepção da teoria holográfica que Griffiths gostava de repetir, de que o Todo está presente em todas as partes, ou seja, a relação interativa entre aspectos de sua psique (racional e intuitivo ou masculino e feminino) correspondia à dinâmica das realidades interculturais, inter-religiosas e globais. (TRAPNEL, 2001, p. 7)

Pode se perceber que Bede inicia o processo de transcendência de sua vida privada, de tradição católica e segundo o modo contemplativo, para uma dimensão elevada, tornando-se alguém universal, como ele mesmo começou afirmar em Shantivanam: “Meu mosteiro é o mundo”. A universalidade experienciada por ele de fato foram os processos simultâneos e interdependentes dentro de um dinamismo maior. Com essa percepção ele apresenta aspectos fundamentais do diálogo inter-religioso.

O diálogo, quando bem entendido, não é um compromisso com o erro, mas um processo de enriquecimento pelo qual cada religião se abre à verdade que se encontra na outra religião, e as duas partes crescem juntas na busca comum da verdade. Cada religião tem que manter a verdade fundamental em sua própria tradição e, ao mesmo tempo, permitir

que essa tradição cresça, à medida que é exposta a outros aspectos dessa verdade. Assim, começamos a perceber que a verdade é uma, mas que tem muitas faces, e cada religião é, por assim dizer, uma face da única Verdade, que se manifesta sob diferentes signos e símbolos nas diferentes tradições históricas (TRAPNEL, 2001, p.6).

Em todas as suas formas, esse diálogo, a partir da entrega do corpo, da mente e do espírito no amor, como o próprio Bede experimentou e concebeu no movimento geral de sua vida, é uma prática através da qual essa vivência e entrega é fomentada. Por isso, pode se dizer que esse diálogo assumiu muitas formas: “intrapessoal, interpessoal, intercultural, inter-religioso e cosmotéandrico” (TRAPNEL, 2001, p.9).

Para Bede, o indivíduo que vive em diálogo torna-se, assim, um símbolo do coletivo - até mesmo um símbolo do divino, expressando e comunicando a natureza e a atividade de Deus. Essa natureza divina e sua atividade são experimentadas como uma comunhão no amor, uma dança de si e do outro que se reflete intrapessoal, interpessoal, intercultural, inter-religiosa e cosmicamente para a pessoa e através da pessoa que se rende ao amor.

4 DO DIÁLOGO À MÍSTICA: CAMINHOS DO RETORNO AO CENTRO

Uma das obras centrais de Bede é “Retorno ao Centro” que apresenta a forma sutil de descobrir a “Verdade Suprema”, ao mesmo tempo “verdadeiro centro do ser humano”. O caminho da mística inicia com sua indagação: “Será que é o ego, que procura ser independente e senhor do mundo? Ou haverá um outro “eu” além deste, um centro mais profundo da pessoa, ancorado por assim dizer na Verdade ou Realidade, unido ao Espírito do universo?” (GRIFFITHS, 1992, p 21). O ponto chave de sua análise é o estudo comparativo das tradições religiosas em sua essência, e nessa chave encontra-se o caminho da mística.

Para tal procedimento, Griffiths em primeiro lugar questiona o uso da palavra “Deus” enquanto concebido como Pessoa, pois a palavra “Pessoa”, como todos os conceitos aplicados à Realidade Última, é um termo de analogia. Ele aponta que “não se trata de negar o ser pessoal em Deus, mas de reconhecer que Ele está além de todo conceito que se pode conceber e, portanto, “além da personalidade”(Griffiths, 1982, p. 26). Para a tradição bíblica e cristã o divino é descrito como “além do ser”, mas para os

cristãos comuns Deus permanece como pessoa, que pode conduzir a certas limitações. Portanto, é necessário que haja uma perspectiva correta utilizando termos como:

Realidade Última, Verdade Última, ou como aponta Tillich, Preocupação Última, quando fala da própria Divindade, como aspecto distinto e pessoal de Deus. O Oriente, embora usando linguagem pessoal sobre Deus, habitualmente vai além de tal linguagem e fala de Brahman, Atman, Tao ou, na linguagem extremamente negativa do Budismo, Nirvana ou do Vazio. (GRIFFITHS, 1982, p.26).

Nessas análises pode-se perceber que todas as palavras apontam para uma realidade sem forma, que não pode ser concebida como ela se encontra, acima do conceito humano. Por isso, o caminho da mística foi fundamental, uma vez que ele mesmo o experimentou e aplicou em sua vida. Ele tenta seriamente uma encarnação existencial de si mesmo em outra cultura, rodeado de múltiplos significados de vida, o que obviamente envolve oração, iniciação, estudo e adoração no mosteiro de Shantivanam. Ele faz isso não por meio de provação, mas sim com um espírito de fé em uma verdade que nos transcende e uma bondade que nos sustenta quando realmente amamos nosso próximo. Não é uma experiência, mas uma experiência genuína sofrida dentro da própria fé. (TRAPNEL, 2001, p.6).

Nesse caminho, pode-se observar que Bede empreendeu um esforço de retorno para compreender sua própria fé, no momento em ele mesmo compreende que a vida é um ato contínuo de submissão ao amor. Nesse retorno para sua própria tradição percebe-se sua compreensão cristã, como ele mesmo afirma, já em 1954, em sua autobiografia – *The Golden String*:

O mistério divino é, em última análise, um mistério de amor, e se revela exclusivamente ao amor. Somente quando estivermos preparados para nos doar totalmente em amor, o Amor se dará totalmente a nós. Mas é um amor que se revelou em uma agonia de entrega na cruz, e só se dá a conhecer àqueles que estão dispostos a fazer a mesma entrega. Pois o amor de Deus não é uma benevolência branda; é um fogo consumidor. Para aqueles que resistem, torna-se um tormento eterno; para aqueles que estão dispostos a enfrentar suas demandas, torna-se um fogo que limpa e purifica. Aqueles a quem uma vez penetrou, ele transforma em si mesmo. (GRIFFITHS, 1954, p. 148).

Particularmente paradigmático na vida de Griffiths foi sua vinda ao oriente, para a Índia. Depois de mergulhar na cultura cristã ocidental em seus primeiros quarenta e oito anos, ele passou seus últimos trinta e oito anos colocando-a em diálogo com a Índia – um intercâmbio intercultural que agora em nossos tempos está sendo replicado para muitos em nível global.

Na atualidade as pessoas experimentam uma desorientação fundamental, não podendo mais confiar em sua cultura para guiar sua jornada de vida. Com novas buscas, se reorientam estabelecendo um ideal que vai além, mas integra os valores existentes, esses indivíduos servem para transformar a própria cultura.

Em sua vida, de fato, Griffiths antecipou e iluminou uma experiência que hoje está se tornando mais comum, alcançável para muitos sem a necessidade de passar para uma nova cultura. Ele imaginou um "casamento do Oriente e do Ocidente" não apenas dentro de si mesmo, mas também em seu ashram, na igreja e na comunidade global. Ao participar do diálogo em qualquer nível, a inter-relação nos outros níveis é nutrida.

Na trajetória da autocompreensão de Griffiths pode ser discernido o que ele sugeriu provocativamente ser a direção da civilização como um todo, uma redescoberta de verdades religiosas baseadas na experiência que era ao mesmo tempo mística e dialógica. Suas explorações interculturais, seus esforços para integrar formas racionais e não racionais de conhecimento e seu misticismo religioso - os três tópicos inter-relacionados levantam questões com implicações que vão além de uma única vida (TRAPNEL, 2001, p.9)

- 1 Até que ponto é possível traduzir-se e aprender com uma outra cultura, com conseqüente benefício para a própria?
- 2 Como se pode negociar com sucesso as diferenças entre as estruturas intelectuais de duas culturas e religiões em prol de uma abordagem mais holística e dialógica da verdade?
- 3 Como alguém pode aproveitar as riquezas de uma tradição estrangeira, mantendo-se conectado às próprias raízes religiosas, a fim de promover um despertar místico mais completo?

Ao colocar tais questões, o "texto" da vida em diálogo de Griffiths abre um "mundo" dentro do qual membros de várias tradições podem se reconhecer e interpretar os desafios da vida religiosa contemporânea. A entrega através do diálogo é uma participação atenta e um humilde reconhecimento da interação dinâmica dos valores complementares inerentes à realidade:

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um aspecto particularmente moderno do papel de Griffiths, como portador de cultura a ser exposto, é o fato de que sua reformulação de um ideal cultural é alcançada em diálogo explícito com as civilizações do Oriente. Griffiths, portanto, também se tornou um exemplo pioneiro do que seu primeiro companheiro na Índia, amigo e colega de longa data no diálogo, Raimundo Panikkar, chamou de "experiência multirreligiosa"

No final de sua vida Griffiths sofreu AVC duas vezes, e com essa debilidade e a doença final exemplifica, como suas palavras finais reafirmam, que entendeu sua vida como um ato contínuo de entrega no amor. Neste ponto apresenta outra percepção de vida e demonstra que a entrega através do diálogo é uma participação atenta e um humilde reconhecimento da interação dinâmica dos valores complementares inerentes à realidade, tal como afirma:

Deus não está simplesmente na luz, no mundo inteligível, na ordem racional. Deus está na escuridão, no útero, na Mãe, no caos de onde vem a ordem. Portanto, o caos está em Deus, poderíamos dizer, e é por isso que descobrir a escuridão é tão importante. Tendemos a rejeitá-la como mau e negativo e assim por diante, mas a escuridão é o útero da vida (TRAPNEL, 2001, p.9).

Griffiths se rende não apenas à luz, mas também à escuridão, como aspectos complementares ou "faces" do que é finalmente realizado como um todo: O mistério oculto por trás de toda a dor, sofrimento e desastre do mundo é um tremendo oceano de amor. Nessa perspectiva, seus últimos meses assumem pungência e significado em continuidade com os oitenta e seis anos que o precederam. Para colocar essa continuidade em foco, é necessário desenvolver brevemente alguns dos princípios-chave da auto compreensão de Griffiths - princípios que são fundamentais para a estrutura e o conteúdo deste estudo de sua vida e obra.

Alguns anos antes de sua morte, Griffiths discerniu três estágios em sua rendição ao longo da vida: Deus na natureza, Deus em Cristo e Deus na Igreja. Especialmente importante para sua compreensão desses estágios é o princípio de que, quando ocorre uma nova fase na evolução individual ou coletiva, o estágio anterior deve não apenas ser transcendido, mas também integrado. Quer dizer, existem três mundos, os mundos da matéria, mente e espírito, que experimentamos em nós mesmos como corpo, alma e espírito.

Para entender melhor como Griffiths percebeu sua própria vida e seu método de investigação, é importante ressaltar sua visão da relação integral entre ideias e experiências para compreender melhor o caminho das religiões. Como ele mesmo afirma:

O objetivo de toda religião é restaurar essa consciência indivisa e unidade do ser ao homem, que no hinduísmo é chamada de moksha ou libertação, no budismo nirvana, ou "Totalidade", e no cristianismo é representada pela redenção do homem e sua restauração à união com Deus (GRIFFITHS, 1982, p.29).

Esse grande místico contemporâneo, silencioso e inspirador, construiu as pontes entre as religiões não só com seu exemplo de vida em santa simplicidade, mas também com sua busca persistente através dos estudos sobre a Realidade Última. Que essa grande alma se torne um exemplo na construção das relações inter-religiosas e culturais para estabelecer a harmonia entre todos os seres.

REFERÊNCIAS

- AMALADOSS, Michael. **Rumo à Plenitude: em busca de uma espiritualidade integral**. Edições Loyola, São Paulo, 1995.
- ANDRADE, Carolina. **Diálogo Inter-religioso em Bede Griffiths: um modelo de interespiritualidade hindu-cristã**. Dissertação especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em História e Cultura das Religiões na universidade de Lisboa, Faculdade das Letras, 2022.
- ANDRADE, Joachim. **Teoria do karma, sistema das castas e conceito da reencarnação e seu impacto na sociedade indiana: uma leitura antropológica**. IN: Basiliade – Revista de Filosofia, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 85-98, jul./dez. 2020. Pp. 85-98.
- ANDRADE, Joachim e ALVES, Domingos. **Antropologia e Teologia da montanha – Diálogo entre Divino e humano nas montanhas do Timor Leste**. IN: SANCHES, Mário, ALVES, Domingos, Maia, José (Org). Timor-Leste em estudo: Religião e Cultura, Editora CRV, Curitiba, 2020, pp. 15-28.
- GRIFFITHS, Bede. **The Golden String: The Autobiography of Bede Griffiths, Benedictine of Prinknash**. Whitefish: Literary Licensing, LLC, 1954
- GRIFFITHS, Bede. **The Marriage of East and West**, Fount Harper Collins Publisheres. Great Britain, 1982.
- GRIFFITHS, Bede. **Retorno ao Centro: o conhecimento da verdade – o ponto de reconciliação de todas as religiões**. IBRASA – Instituição Brasileira de Difusão cultural Ltda, São Paulo, 1992.

THOMAZ, Angélica. **Nas Fronteiras: o hindu-cristianismo de Bede Griffiths.** Dissertação do Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2019.

TRAPNEL, Judson B.. **Bede Griffiths: A life in dialogue.** State University of New York Press, 2001.

VIGIL, Jose. **Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo.** Paulus, São Paulo, 2006.

(Recebido em junho de 2025; aceito em julho de 2025)